

José Roberto
TORERO



Marcus Aurelius
PIMENTA

Entre raios e caranguejos

A fuga da família real para o Brasil
contada pelo pequeno dom Pedro

ilustrações
Edu Oliveira



Copyright © 2015 by Padaria de Textos
Ilustrações © 2015 by Eduardo Oliveira

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em
vigor no Brasil em 2009.

Projeto gráfico de capa e miolo
TRAÇO DESIGN

Produção gráfica
MARCELO XAVIER

Revisão
NINA RIZZO
LUCIANA BARALDI

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Torero, José Roberto

Entre raios e caranguejos: a fuga da família real para o Brasil contada pelo pequeno dom Pedro / José Roberto Torero, Marcus Aurelius Pimenta ; ilustração Edu Oliveira. — 1. ed. — São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2016.

ISBN 978-85-7406-758-2

1. Contos - Literatura infantojuvenil I. Pimenta, Marcus Aurelius II. Oliveira, Edu. III. Título.

16-08920

CDD: 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

1ª reimpressão

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdaletrinhas.com.br

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

Esta obra foi composta em Stempel Schneidler e impressa pela Lis Gráfica em ofsete sobre papel Pólen Bold da Suzano Papel e Celulose para a Editora Schwarz em dezembro de 2016



Eu tenho nove anos. Meu nome é Pedro de Alcântara Francisco António João Carlos Xavier de Paula Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon. Mas todo mundo me chama de Pedro.

Você não vai acreditar no que aconteceu comigo nos últimos dias. Mas vou contar assim mesmo.

Tudo começou quando eu estava jogando pião lá na minha casa, que era o Palácio de Mafra. Aí o meu pai, que é o rei de Portugal, chegou para mim e falou:

— Pedro, junta suas coisas. Precisamos fazer uma viagem.

— Vamos para Queluz?

— Mais longe, meu filho.

— Lisboa?

— Mais ainda. Vamos para o Brasil!

— Isso não é do outro lado do Mar Oceano?

— Sim, será uma longa viagem.

— O senhor teve esta ideia agora?

— Não. Já estou pensando nisso há alguns meses.

— O que nós vamos fazer lá?

— Fugir do Exército francês, que está invadindo Portugal.

— Fugir? Por que não lutamos contra eles?

— Porque eles são mais fortes. E morrer é a última coisa que quero fazer na vida, Pedro.





Enquanto o lacaio arrumava minhas coisas, eu lhe fazia perguntas:

- E se os franceses atacarem nossos navios?
 - Os ingleses estarão lá para vos proteger.
 - Ingleses?
 - Eles também são inimigos dos franceses.
 - Poxa, nem fugir sozinhos nós conseguimos...
 - Nem isso, majestade.
 - Bem, não se esqueça de guardar minhas bolas de vidro, meu jogo de xadrez e meus soldadinhos de chumbo.
 - Os soldadinhos não são brinquedo. São para seu pai simular a guerra contra a França.
 - Então pode botar no baú. Meu pai tem medo dos franceses. Nunca vai lutar contra eles.
- E, depois de dizer isso, eu rodei o meu pião e ele derrubou um monte de soldadinhos.



A viagem até Lisboa foi chata. Fomos de carruagem, com muitos soldados fazendo nossa escolta. Meu pai viajou sentado num banco, e eu e meu irmão Miguel, que tem cinco anos, fomos no outro. Toda hora o meu pai olhava pela janela, preocupado com as tropas francesas.

Viajamos o dia inteiro até chegarmos ao Palácio de Queluz, onde moravam a minha mãe, que se chama Carlota Joaquina, e as minhas seis irmãs:

Maria Teresa, de catorze anos

Maria Isabel, de onze

Maria Francisca, de sete

Isabel Maria, de seis

Maria da Assunção, de dois

e Ana de Jesus, que é a única que não se chama Maria e tem só um ano.



Quando alguém gritava “Maria!”, devia ser uma confusão danada lá em Queluz.

Meu pai e a minha mãe viviam em palácios separados porque ela tinha tentado tomar-lhe o trono. Disse que ele estava louco e que ela é que devia mandar em Portugal. “Sua mãe é que é louca para ser rainha”, o meu pai falou.

Naquela noite dormimos no Palácio de Queluz. Meu pai não conversou muito com minha mãe. E eu e o Miguel não conversamos muito com as nossas irmãs, porque elas são meninas.

Na manhã seguinte, todas as carroagens, as nossas e as delas, foram para o porto de Lisboa. Também tinha um monte de carroças levando livros, roupas, talheres de prata, tapetes, ouro, lençóis, panelas... Eu contei setecentas carroças!